

Onde Está O Dinheiro?

NARRATIVAS FEMINISTAS SOBRE ESTRUTURAS DE PODER E DISTRIBUIÇÃO DE RECURSOS PARA MOVIMENTOS



Estrutura de Responsabilidade Feminista: Atualização de

Março de 2024

Comentário Sobre a Terminologia

Visando a acessibilidade, procuramos usar uma linguagem clara em todo este documento, minimizando jargões, linguagem técnica e acrônimos. No entanto, alguns termos são incontornáveis. Aqui está uma lista curta de acrônimos para ajudar os leitores a navegar por alguns dos conceitos deste informe.

- • Fórum Geração Igualdade [GEF]
- • Estrutura de Responsabilidade Feminista [FAF]
- • Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico [OECD]
- • Assistência Oficial para o Desenvolvimento [ODA]
- • Comitê de Assistência ao Desenvolvimento [DAC]
- • Objectivos de Desenvolvimento Sustentável [SDGs]
- • Organizações da Sociedade Civil [CSOs] / Organização Não-Governamental [NGO]
- • Organização de Direitos da Mulher [WRO]
- • Defensoras dos Direitos Humanos da Mulher [WHRD]
- • Justiça e Direitos Econômicos [EJR]
- • Violência de Gênero [GBV]
- • Saúde e Direitos Sexuais e Reprodutivos [SRHR]
- • Violência sexual de gênero [SGBV]
- • Pessoas Negros, Indígenas e Racializadas [BIPOC]
- • Lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer, intersexo, assexuais [LGBTQIA+]

Outros termos de referência:

- Adolescentes: faixa etária dos 10 aos 19 anos¹
- Jovens: pessoas na faixa etária de 15 a 25 anos²

Este documento foi traduzido para o francês, o espanhol e o português. Para mais informações sobre este trabalho, convidamos você a ler a [Estrutura de Responsabilidade Feminista](#).

“Escutem quem trabalha diretamente com a comunidade. Precisamos sentar e conversar com os doadores, e esperamos que eles nos compreendam.”

- Pesquisadora de uma ONG local que foca em SRHR no Camboja

I. Introdução

“O financiamento abre uma oportunidade de ter voz nas decisões. Ele nos permite ser visto como um movimento ou uma organização legítima. Ao passo que {a falta de} financiamento representa uma barreira à entrada em espaços onde se possa ser vista como uma organização eficaz. Financiamento, portanto, gera financiamento.”

- Líder de uma organização de justiça de gênero que trabalha no sul da Ásia e na África

As Ativistas feministas estão na linha de frente no avanço da justiça de gênero. No entanto, suas prioridades e soluções costumam ser relegadas a margem das agendas movidas por doadores. Existe uma nítida desconexão entre as prioridades de financiamento e as necessidades de mulheres, meninas e pessoas não binárias que defendem suas próprias comunidades.

Com apenas 1% do financiamento global investido em organizações de direitos das mulheres, os movimentos feministas têm alcançado ganhos incríveis na criação de mudanças duradouras com orçamentos mínimos.^{3,4} As organizações formadas por líderes negras, indígenas e de gênero expansivo historicamente fortaleceram a incidência política apesar do acesso limitado ou nulo a recursos. As mulheres negras, meninas e pessoas reans recebem menos de meio por cento ⁵ do total das doações globais das fundações.^{6,7,8} Em geral, a maioria das organizações de direitos das mulheres nunca recebeu financiamento sem restrições ou de vários anos.⁹

É aí que entramos em jogo. Através da Estrutura de Responsabilidade Feminista [FAF], nós — um coletivo de 30 organizações feministas de movimentos locais e jovens da África, Ásia-Pacífico e América Latina — estamos desafiando o desequilíbrio de poder atual no financiamento para a igualdade de gênero. Em 2021, o Fórum Geração Igualdade [GEF] aumentou as apostas para o financiamento do trabalho de justiça de gênero através de seu compromisso de cinco anos de «um valor agregado sem precedentes de \$40 Bilhões de USD.»¹⁰ Em resposta, nós co-criamos o FAF para centralizar grupos de base e historicamente marginalizados no Sul Global para identificar e rastrear as necessidades e lacunas dos compromissos do GEF, e defender que os recursos do GEF sejam direcionados de maneira flexível para organizações feministas e de jovens.

Na nossa fase inicial, divulgamos um relatório quantitativo com avaliações de mais de 700 organizações feministas locais sobre os desafios do financiamento do GEF em termos de transparência de dados e responsabilidade.¹¹ Ativistas dos oito países pilotos, incluindo Brasil, Guatemala, Quênia, Burquina Fasso, Camboja, Índia, Nepal e Fiji¹², deixaram claro que o caminho é longo para que os responsáveis pelos compromissos transformem as promessas do GEF em ações para grupos locais.¹³

À medida que nos aproximamos do final do primeiro ano de implementação da estrutura, oferecemos este relatório atualizado com achados qualitativos ricos para amplificar as vozes frequentemente não ouvidas e negligenciadas de organizações feministas de base nos oito países pilotos sobre o impacto do financiamento do GEF. Ativistas feministas locais compartilharam suas percepções especificamente sobre duas das seis Coalizões de Ação: Violência de Gênero [GBV] e Saúde e Direitos Sexuais e Reprodutivos [SRHR]¹⁴ — veja ‘Processo e Participantes’ para a justificativa da seleção.

As histórias apresentadas neste relatório nos ajudarão a abordar as lacunas no campo e a informar os esforços de defesa de mais e melhores recursos criados desde o início. Se há uma lição a ser tirada das histórias, é esta: **confie em líderes feministas locais para definir prioridades e liderar processos transformadores.**



II. Principais Conclusões

Lançado em março de 2023, a FAF é liderada pelas comunidades mais afetadas pela desigualdade de gênero - negros, indígenas e pessoas de cor (BIPOC); oprimidos de casta e classe; jovens e adolescentes; mulheres e meninas; pessoas com deficiência; e comunidades não conformes com o gênero.

Mulheres, meninas e pessoas historicamente marginalizadas nos oito países-piloto estão unidas em suas experiências de navegação no atual ecossistema de financiamento, apesar de seus contextos políticos e sociais locais exclusivos. Elas estão aproveitando a janela de oportunidade criada pelo GEF para influenciar a forma como esses compromissos são alocados diretamente em suas comunidades.

As líderes e ativistas dos movimentos locais entrevistadas neste relatório convidam os doadores e responsáveis pelo compromisso a um chamado à ação: **centralizar ideias, soluções e sonhos feministas em modelos de financiamento para gerar resultados revolucionários para a justiça de gênero**. Os recursos devem corresponder à natureza fluida, transformadora e evolutiva das organizações feministas para criar um mundo mais justo para todas as pessoas.

“Precisamos de mecanismos de financiamento que sejam não apenas inclusivos, mas também adaptáveis às diversas realidades dos grupos feministas no Brasil. A abordagem “tamanho único” não é eficaz.”

- Atriz feminista, Brasil

As principais conclusões das histórias, descritas abaixo em mais detalhes, incluem o seguinte:

A confiança alimenta os movimentos

Mais e melhores recursos para o nível do movimento local exigem maior confiança dos doadores por meio de financiamento irrestrito e de longo prazo; apoio ao desenvolvimento de capacidades; e maior visibilidade das organizações locais.

Lacunas de financiamento interseccional

Há necessidade de estratégias de financiamento mais intersetoriais e inclusivas que priorizem as comunidades historicamente marginalizadas e afrouxem as restrições de financiamento para as ativistas de movimentos emergentes, como grupos não registrados e movimentos feministas jovens;

O contexto local importa

As organizadoras feministas frequentemente mudam as estratégias no local em resposta a climas políticos desafiadores e normas sociais regressivas, particularmente no que se refere à sua segurança e autocuidado;

União faz a força

Alianças e colaboração entre doadores e parceiros de movimentos sociais ajudam a superar a fragmentação no financiamento, criam oportunidades de aprendizado mútuo e constroem poder coletivo para acessar recursos, gerando maior impacto.

III. Processo E Participantes

“É importante responsabilizar os financiadores, os governos e as empresas privadas porque, a menos que todos estejam envolvidos na criação de um mundo mais igualitário em termos de gênero, a responsabilidade recairá novamente sobre as ONGs e as OSCs. Até que essa mudança ocorra, não poderemos progredir. Devemos incorporar essas ideias nos currículos. Precisamos incluir todas as pessoas.”

- Líder feminista na Índia

Adotamos uma abordagem orientada por dados, fundamentada na narrativa feminista, para apoiar ativistas feministas na identificação de lacunas entre os \$40 bilhões de compromissos reportados e as reais necessidades no campo. Estamos focadas em descobrir histórias sobre o financiamento para GBV e SRHR porque: a) são duas das Coalizões de Ação mais subfinanciadas historicamente, com base em pesquisas com nossos ativistas de base nos oito países-piloto; b) a SRHR tem os maiores

compromissos financeiros em cinco dos países-piloto;¹⁵ e c) existem dados de financiamento para as duas questões no bando de dados da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico [OCDE]¹⁶. Estamos comparando essas descobertas com as experiências vividas por organizações e ativistas feministas a fim de identificar lacunas na implementação do GEF e no progresso do financiamento.

QUAIS AS PERGUNTAS FIZEMOS?

As parceiras da Estrutura de Responsabilidade Feminista vivem e/ou trabalham nos países-piloto. O entendimento aprofundado dos contextos locais e as redes consolidadas asseguraram a coleta de dados autênticos sobre as formas sutis e imensuráveis em que o ativismo e a liderança feminista atuam nas áreas de GBV e SRHR. Em todos os oito países-piloto, exploramos quatro questões-chave relacionadas ao ecossistema geral de financiamento, incluindo os recursos do GEF:

- **Como o dinheiro está se movendo para os movimentos locais?** - avaliar onde e como o dinheiro está indo para as organizações locais, como a análise da eficácia e dos desafios dos atuais mecanismos de financiamento.
- **Quem está sendo deixado para trás?** – compreender como grupos liderados por pessoas historicamente marginalizadas ficam de fora das decisões de financiamento e os impactos decorrentes nas comunidades que servem.
- **Como os movimentos feministas lidam com climas políticos desafiadores?** - explorando como os impactos da instabilidade política, normas sociais, ameaças e violência contra os movimentos feministas afetam o financiamento e as metas organizacionais.
- **Como as organizações feministas têm acesso a mais recursos?** - avaliar os processos e mecanismos por quais organizações feministas recebem financiamento, como, por exemplo, verificar quais financiadores específicos apoiam seu trabalho e analisar pontos em comum ou diferenças em sua abordagem.

QUEM SÃO AS AUTORAS DESSAS HISTÓRIAS?

- Em três regiões diferentes, as entrevistadas vieram de organizações da sociedade civil (COSs), organizações não governamentais (NGOs), organizações baseadas na comunidade, redes e coalizões, filantropia, comunidades diretamente afetadas pela GBV e SRHR e responsáveis pelo compromisso do GEF
- As entrevistadas trabalham predominantemente com mulheres, jovens, adolescentes e meninas, profissionais do sexo, pessoas com deficiência, grupos LGBTQIA+, pessoas de áreas rurais e assentamentos informais, mulheres agricultoras, grupos religiosos, comunidades Dalit e comunidades negras, quilombolas e indígenas
- No total, foram realizadas 61 entrevistas na Índia, Nepal, Camboja e Fiji, 18 entrevistas em Burquina Fasso e no Quênia e 35 no Brasil e na Guatemala.



SEGURANÇA E DINÂMICAS DE PODER

Considerando os ambientes desafiadores e os tópicos sensíveis em que nossas parceiras e entrevistados trabalham, priorizamos a segurança delas durante o processo de entrevista, aderindo a protocolos rígidos de confidencialidade e anonimato. As entrevistadas foram informadas sobre o processo de pesquisa e assinaram formulários de consentimento para a divulgação de suas histórias anônimas. Omitimos os nomes diretos, as organizações e os títulos das entrevistas, referindo-nos a essas pessoas como “líderes feministas”, “ativistas”, “organizadoras” e outros identificadores marcados neste relatório. Somente pessoas autorizadas têm acesso às suas histórias originais devido à natureza sensível das entrevistas e aos complexos contextos políticos dos países.

Trabalhamos para diluir a dinâmica de poder inerente

no processo de entrevista, fornecendo aos entrevistadores técnicas de questionamento não ameaçadoras e empáticas. As entrevistadas também foram informadas sobre o objetivo principal do projeto de coletar dados imparciais e autênticos. As entrevistadas deram respostas sinceras quando entenderam que as entrevistas não tinham o objetivo de criticar o desempenho individual ou organizacional.

As entrevistas foram conduzidas no idioma com o qual cada entrevistada se sentia mais confortável, como inglês, espanhol, português, francês, nepalês, hindi, suaíli e khmer. Essas entrevistas foram então traduzidas para os idiomas usados na criação deste relatório. A tradução teve como objetivo permanecer o mais fiel possível às histórias originais, respeitando as palavras, os significados, o contexto e os aspectos culturais das narrativas orais.

IV. Narrativas Feministas Para Dados E Responsabilidade

A confiança alimenta os movimentos - Como o dinheiro está sendo transferido para os movimentos locais?

A abordagem de cima para baixo dos doadores contribui para uma dinâmica de poder desigual que trata as organizações feministas como beneficiárias em vez de especialistas e parceiras iguais. Modelos de financiamento inflexíveis e inacessíveis, orientados por agendas de doadores sem a contribuição de ativistas do movimento feminista, impedem mudanças impactantes no nível dos movimentos locais em questões críticas de justiça de gênero.

Ativistas e feministas que trabalham nos movimentos locais continuam a exigir uma reforma urgente e honesta de uma abordagem de cima para baixo. Eles estão defendendo um modelo de financiamento mais transparente e colaborativo que responda ativamente às prioridades das comunidades e esteja comprometido com a remoção de barreiras sistêmicas e estruturais.

“Não recebemos financiamento para fazer experimentos. Deve haver alguma margem para erro. Para que possamos errar, encontrar uma solução e seguir em frente. Isso também deve ser financiado.”

- Atriz feminista que trabalha com SRHR na Índia

“Há uma tendência de se conformar com a agenda do doador, mas algumas organizações têm defendido um apoio mais amplo e específico ao contexto para as questões das mulheres. A construção da confiança e do diálogo político com os doadores é um processo contínuo.”

- Facilitador de diálogo para uma organização que trabalha com GBV na Guatemala

“O financiamento com base em projetos termina, mas o problema que o projeto procurou resolver permanece. A maioria dos problemas em nossas sociedades exige uma visão de 20 a 30 anos para a transformação”

- Líder de uma organização de direitos das mulheres no Quênia.

“As metas dos financiadores e doadores estão alinhadas com nossas organizações? Queremos nos concentrar no resultado final das pessoas beneficiadas. Eles conseguem entender o que nós fornecemos? Também nos perguntam como estamos usando nossos fundos, como “por que compramos isso”... as despesas também têm um limite, portanto, às vezes, temos que pagar do nosso próprio bolso quando viajamos a trabalho [sic.]”

- Coordenadora de um grupo de mulheres locais não registrada em Camboja

“Sabemos que a dependência de financiamento por si só não será suficiente para nós. Precisamos de uma abordagem autossustentável. Devemos ser capazes de, às vezes, dizer não a certos tipos de financiamento e ter algum poder na negociação.”

- Co-líder de uma NGO feminista que trabalha com SRHR na Índia



As organizações e os movimentos locais feministas - especialmente liderados por comunidades historicamente marginalizadas - enfrentam desafios significativos no acesso ao financiamento de programas de GBV e SRHR. As organizações que obtiveram sucesso na obtenção de fundos já tinham capacidade e experiência na elaboração de propostas e na condução de processos.

“Criamos um clube para meninas com deficiência para aumentar a conscientização sobre SRHR. Como se tratava de SRHR, fizemos palestras educativas sobre saúde reprodutiva em um período de 2 ou 3 meses. Devíamos ter realizado outras palestras que nos permitiriam mergulhar nas realidades existentes, mas não tínhamos os fundos para continuar a atividade.”

- Ativista feminista em uma organização de jovens focado em Países da África Ocidental

“As organizações lideradas por mulheres em nível local enfrentam desafios no acesso a fundos. O principal obstáculo é a falta de conscientização sobre todos os doadores que apoiam a causa.”

- Pessoa membro de uma organização que apoia sobreviventes de GBV no Nepal

“Tivemos um tal impacto que na Guatemala, muitas mulheres indígenas e jovens estão incorporando cada vez mais os direitos sexuais e reprodutivos. No entanto, quando se trata de nossa ênfase específica na descriminalização do aborto e no direito de decidir, tem muito poucas oportunidades de financiamento.”

- Membro de uma organização de SRHR na Guatemala

“O financiamento que recebemos não está vinculado exclusivamente à violência baseada em gênero, pois não somos uma organização cujo foco seria as questões femininas e a violência de gênero (GBV). Portanto, na maioria das vezes, não conseguimos acessar os fundos que nos permitem realizar um trabalho mais profundo nas comunidades [que sofrem de violência gênero GBV] nas quais conquistamos a confiança. Os doadores geralmente vão direto às pessoas que conhecem. Não há esforço para incluir outras pessoas que atuam neste campo.”

- Líder de uma organização de construção da paz em Fiji



Grupos não registrados, organizações novas e organizações com orçamentos pequenos enfrentam especialmente dificuldades com requisitos rigorosos de diligência prévia e relatórios devido à sua capacidade e expertise limitadas. Estruturas tradicionais de financiamento que priorizam organizações registradas e bem estabelecidas impõem barreiras para essas ativistas emergentes do movimento – especialmente feministas jovens – para aumentar seus orçamentos e poder de organização.

“É necessário ter vários anos de experiência na execução de projetos e programas na área em questão. Como resultado, as novas associações feministas não têm as mesmas oportunidades no processo de aquisição de financiamento.”

- Líder de uma organização focada em EJR em Burquina Fasso

“O processo de registro é antitético à forma como as redes e coletivos funcionam. Caso algumas redes e coletivos escolham se ‘formalizar’, o seu trabalho é significativamente afetado. É uma decisão deliberada e consciente a forma como continuamos a alocar recursos para o trabalho essencial em busca da Igualdade de Gerações.”

- Assessora de organizações feministas na Índia

“Como somos pequenas organizações com pouca infraestrutura, aqueles que não têm financiamento acabam se esgotando como ativistas. A violência e os direitos sexuais reprodutivos são duas áreas que realmente precisam de financiamento para executar projetos, porque é preciso fazer workshops, produzir materiais, ter um espaço... caso contrário, não se obtêm resultados positivos.”

- Ativista afro-brasileira que trabalha com a saúde da mulher no Brasil

“Na verdade, não recebemos nenhum financiamento porque não sabíamos que esses fundos eram fornecidos a grupos de jovens em Fiji. Se fôssemos instruídas sobre isso por meio de workshops, poderíamos ajudar a diminuir a violência de gênero. Meu grupo é muito pequeno e somente as pessoas que são registradas pelo governo recebem esses fundos.”

- Jovem líder trabalhando com comunidades rurais em Fiji

“Acho que os grupos marginalizados e vulneráveis devem ter critérios diferentes porque esses grupos são pequenos e têm dificuldades para atender às exigências dos doadores. Quando esses grupos solicitam financiamento, os financiadores e doadores já os marginalizam porque eles não são capazes de fornecer o que os doadores querem. Os doadores não os consideram.”

- Líder feminista no Camboja

“A maioria dos modelos de financiamento para acabar com a violência de gênero (GBV) foi projetada para falhar desde o início. Há muitas barreiras, como sistemas rígidos de aplicação e requisitos ridículos, que impedem que as feministas e as organizações de direitos das mulheres que trabalham a nível local tenham acesso a financiamento”

- Jovem ativista feminista no Quênia

Lacunas de financiamento interseccional - quem é deixado para trás?

Os resultados revelam lacunas significativas de financiamento que ignoram as necessidades das comunidades vivendo na intersecção de múltiplas formas de discriminação e opressão^{17 18}

“Mulheres negras têm se envolvido em filantropia desde que se reuniram para comprar a liberdade de suas companheiras. O racismo estrutural afeta a alocação de recursos para organizações negras, as quais são percebidas como sem histórico em filantropia. Os recursos tendem a fluir para mulheres brancas e suas instituições feministas, mas o financiamento precisa chegar às mulheres negras para continuar a filantropia negra. Organizações brancas recebem financiamento substancial para realizar projetos com pessoas negras, às vezes de uma maneira que não está alinhada com a realidade dessas organizações.”

–Organizadora que trabalha com mulheres negras no Brasil.

“O desafio permanece no próprio conceito de interseccionalidade. Não há dados suficientes para comprovar que o financiamento está realmente chegando aos grupos historicamente marginalizados. É importante garantir que você crie relacionamentos com organizações e movimentos que sejam representativos de um determinado grupo constituente.”

- Líder feminista indiana com foco na Índia, Bangladesh e na região da África



Em todos os países-piloto, as ativistas feministas apontaram que o financiamento ignorou as necessidades específicas das comunidades LGBTQIA+ e das profissionais do sexo nos programas destinados a abordar os SRHR.

“Como mulher trans, acho que somos diluídas em recursos mesmo quando as organizações internacionais estão abordando a interseccionalidade. Enfrentamos resistências até o ponto em que somos chamadas, mencionadas ou tornadas visíveis. [...] Embora haja recursos econômicos nos últimos anos para trabalhar com direitos sexuais e reprodutivos, as populações LGBTQIA+ precisam se fortalecer.”

- Defensora dos direitos de pessoas trans na Guatemala

“Somos uma pequena organização que começou [alguns anos atrás], portanto, é difícil obter fundos para implementar projetos ou eventos. Ao mesmo tempo, trabalhamos de perto com profissionais do sexo e somos a favor do aborto. Se o governo, doador ou organização não está alinhado com nossos valores e com o que queremos, então realmente hesitamos, pois ele não se encaixa em nossos valores.”

- Ativista de justiça de gênero em uma NGO local no Camboja

“As organizações que trabalham para proteger e promover os direitos dos profissionais do sexo precisam de financiamento que não seja apenas flexível, mas que também responda às realidades”

- Defensora de profissionais do sexo no Quênia

As ativistas feministas também reconheceram a necessidade de investir na próxima geração de liderança feminista para construir movimentos sustentáveis e resilientes. Quanto ao êxito do financiamento do GEF, grupos feministas com larga experiência aconselharam os financiadores a desbloquear o imenso potencial das feministas jovens, que estão conquistando progressos significativos através de estratégias criativas, inovadoras e audaciosas, características de sua geração.

“Como somos uma organização de jovens, o maior desafio continua sendo a questão das habilidades. Muitas de nós não estão preparadas para escrever projetos, portanto, são apenas alguns membros que o fazem. O financiamento também é muito competitivo.”

- Líder jovem abordando questões de GBV e SRHR em Burquina Fasso

“O grande problema no movimento feminista no Nepal, como no GEF, é a lacuna entre feministas mais velhas e feministas mais jovens na [construção de] parceria intergeracional. As feministas mais velhas do Nepal fizeram muitas contribuições e nós as apreciamos, mas elas não compartilham seus aprendizados. Podemos trabalhar mais no envolvimento intergeracional.”

- Fomentadora de compromissos do GEF no Nepal

“Como beneficiário e financiador, o que torna o financiamento bem-sucedido é o envolvimento significativo dos jovens. Não podemos falar sobre o Fórum Geração Igualdade a menos que estejamos engajando os jovens de forma significativa. Não é possível avançar na causa dos jovens simplesmente garantindo-lhes um assento à mesa, mas sim quando a mesa é especialmente preparada para eles. Talvez nem deveríamos sentar a mesa, talvez deveríamos estar sentadas no chão.”

- Líder de uma organização internacional que trabalha com jovens em questões de GBV e SRHR na Índia

“Por que ainda existem financiadores que controlam excessivamente, minimizam a habilidade e dominam movimentos liderados por mulheres jovens? Como vamos atingir as metas ambiciosas e os anseios do Fórum Geração Igualdade se não centralizarmos as mulheres jovens nos processos de planejamento, execução, monitoramento, avaliação e elaboração de relatórios?”

- Dirigente feminista que trabalha em um assentamento informal no Quênia

“Trata-se de envolver aqueles que ficaram para trás. [...] Trata-se de treinar uma nova geração de mulheres jovens para que continuem a fazer esse trabalho com um âmbito mais amplo, fundamentado no contexto local e orientado pelas necessidades de nossas comunidades.”

- Líder de uma organização de construção da paz em Fiji

O contexto local é importante - Como os movimentos feministas lidam com climas políticos desafiadores?

A redução dos espaços para o ativismo da sociedade civil, os ambientes políticos conservadores, a oposição às agendas feministas e as ameaças as ativistas influenciam significativamente a forma como as organizações feministas alocam e usam o financiamento para os programas de GBV e SRHR. As mulheres defensoras dos direitos humanos nos países-piloto relataram hostilidades persistentes ligadas a climas políticos conservadores que colocam suas vidas em perigo direto. Estes desafios ultrapassam as dinâmicas internas e são intensificados por climas políticos externos, onde governos seguram fundos e focam em organizações feministas que advogam por determinadas causas.

“Com os recursos recebidos para o fortalecimento institucional, nosso grupo conseguiu aumentar sua capacidade de exercer influência política em questões relacionadas à GBV e SRHR, como a tentativa de criar um projeto de lei para prevenir a violência sexual contra meninas na região Centro-Oeste do Brasil. No entanto, devido a ameaças, o projeto não foi levado adiante.”

- Ativista trabalhando com uma organização antirracista no Brasil

“Percebemos um crescimento no suporte ao feminismo... mas ainda enfrentamos bastante resistência negativa também. A situação política no Camboja é complicada... devemos ser muito cuidadosas na forma como enquadramos o trabalho feminista, pois pode ser mal interpretado como carregado politicamente, tornando-o perigoso para nós. Também devemos ter cuidado, pois as normas de gênero e as normas sociais ainda são um problema, como as crenças tradicionais nas áreas rurais.”

- Líder de uma organização de direitos das mulheres no Camboja

“Atualmente, devido à instabilidade política, ao decréscimo econômico e a um contexto social em mudança, existem muitos desafios que uma organização liderada por feministas como a nossa enfrenta em termos de obter fundos e reconhecimento. Temos uma estratégia para colaborar mais com os governos locais de todos os distritos para que possamos intervir mais no nível comunitário, identificar nossos problemas a partir da base e estipular defensoras locais para levantar vozes contra a violência de gênero.”

- Ativista feminista Dalit se manifestando contra a discriminação e violência baseadas em casta no Nepal

O financiamento, portanto, desempenha um papel fundamental no apoio às ativistas feministas para responder a retrocessos em ganhos duramente conquistados e garantir a segurança e a proteção das ativistas. Isso inclui a condução de estratégias focadas em alcance digital, envolvimento da comunidade e defesa de interesses. As feministas estão constantemente enfrentando obstáculos políticos e burocráticos e ideologias conservadoras que impedem oportunidades de financiamento. Os doadores precisam oferecer apoio flexível que centralize o cuidado e a proteção de ativistas e defensoras dos direitos humanos que sofrem de esgotamento e trauma em momentos de crise em que sua segurança está em risco. A continuidade e o êxito dos movimentos dependem do suporte às feministas para elaborarem estratégias de autocuidado e proteção integral.

“Houve várias ocasiões em que organizamos workshops internos sobre autocuidado porque tivemos um momento de doença. Tivemos que construir estas duas pontes: uma para lidar com a questão da violência psicológica internamente [em nossa equipe] e outra para enfrentar outras formas de violência externa [que afetam nossas comunidades]. Nós o colocamos em nosso planejamento, mas não pudemos desenvolvê-lo porque não conseguimos apoio para nenhum projeto.”

- Membro de uma organização que trabalha com raça e gênero no Brasil

“Vimos uma mudança na esfera política, mas devemos ter cuidado e pensar na segurança da equipe, bem como das defensoras dos direitos humanos das mulheres em diferentes campos, como em terra, SRHR e trabalho. Temos que transferir nossos fundos para nos concentrarmos nos grupos que precisam de nosso apoio, dependendo do contexto e da situação do país em termos de política.”

- Líder de uma organização de direitos das mulheres liderada por jovens no Camboja

“O contexto político na Guatemala afetou muitas organizações este ano com a perda de orçamento. As fundações que defendem os direitos das mulheres foram afetadas por serviços psicológicos e jurídicos limitados. A situação política criou desafios no apoio às mulheres.”

- Pessoa membro de uma organização de pesquisa feminista na Guatemala



A força das alianças – Como grupos feministas acessam mais recursos?

As alianças são poderosas no acesso a fundos, especialmente para organizações locais em áreas remotas ou desafiadoras. A participação em redes é fundamental para vincular organizações a doadores interessados em esforços de colaboração. Isso abrange parcerias entre organizações de maior e menor porte, organizações novas e com mais experiência, diferentes gerações, temas e expertises, além de colaborações entre redes formalmente estabelecidas e coletivos informais. Por exemplo, a criação de fortes redes feministas geralmente permite que as organizações tenham acesso a financiamento flexível, independentemente de seu status de registro. Também reforça a incidência para gerar confiança dos doadores, o que resulta em um financiamento mais adequado às necessidades das organizações.

“A capacidade da organização de interagir com uma variedade de partes interessadas e construir colaborações frutíferas desempenhou um papel crucial na manutenção de suas fontes de financiamento. Isso ressalta a importância de estabelecer e manter relacionamentos positivos com um amplo espectro de doadores para garantir o apoio financeiro às iniciativas impactantes da organização.”

- Líder de uma organização com foco em GBV no Nepal

“Em nossa experiência, especialmente no último consórcio, foi necessário incluir mulheres indígenas, mulheres trans, mulheres jovens e parteiras. Uma aliança foi formada apesar de não ter as mesmas demandas específicas. Os primeiros anos envolveram o conhecimento mútuo e a abordagem de questões como o estigma em relação às mulheres trans ou indígenas por meio de sessões de treinamento interno dentro do consórcio. Com o tempo, foi criada uma aliança baseada na diversidade, em que as organizações se apoiam, acompanham e complementam umas às outras.”

- Pesquisadora e coordenadora acadêmica na Guatemala

Sempre entramos em um consórcio com outras entidades que trabalham na área de saúde sexual e reprodutiva ou no feminismo. Tentamos trabalhar em sinergia de ação com outras pessoas que defendem as mesmas ideias e que podem ter habilidades que não temos internamente.”

- Líder trabalhando em uma associação de jovens em Burquina Fasso

As entrevistadas também destacaram que é imperativo manter o conhecimento da dinâmica do poder, mesmo dentro de consórcios e alianças. No Quênia, as ativistas feministas destacaram uma tendência crescente de financiadores que exigem a participação em consórcios sem financiar adequadamente o processo de cocriação de um modelo liderado por consórcio.

“Depois que as parceiras do consórcio investem seu tempo, energia, conhecimento e recursos na fase de cocriação, apenas uma ou duas das candidatas assinam um contrato com o doador. Isso é extrativo e exploratório.”

- Ativista feminista no Quênia.

V. Panorama Temático: Violência De Gênero

“Vimos que o financiamento para a GBV diminuiu nos últimos 10 anos, especialmente para organizações lideradas por mulheres.”

- Líder de uma organização feminista que trabalha com mulheres e crianças no Camboja

A capacidade de viver livre de violência é um direito humano básico. A GBV se manifesta de várias formas e contextos, como assédio sexual, violência doméstica, tráfico, estupro como arma de guerra, feminicídio e práticas prejudiciais, como casamento infantil, mutilação genital feminina e dote. A questão da violência não é sentida igualmente por todos. A GBV afeta de forma desproporcional aquelas que são ainda mais marginalizados por raça, classe, casta, etnia, religião e outras identidades que se cruzam.

Grupos de movimentos locais que avançam na questão da violência de gênero (GBV) enfrentam as raízes do problema, como o dismantelamento de sistemas patriarcais e normas sociais, mudança de atitudes e reforço de proteções legais. Elas também capacitam sobreviventes de violência de gênero por meio de treinamento baseado em habilidades sobre independência financeira. Os movimentos feministas - especialmente aqueles liderados por sobreviventes de violência - continuam a ter poucos recursos para combater a violência enraizada em desigualdades históricas e estruturais.

“Fazemos muitos trabalhos de prevenção e serviços, incluindo treinamento, capacitação, conscientização e campanhas, que são todos projetos de longo prazo. Nosso objetivo é conscientizar a comunidade em geral e garantir que os sobreviventes saibam que estamos disponíveis. Mas esse trabalho é intangível. Não vemos o impacto imediatamente. É preciso uma vida inteira e isso pode não ser suficiente. Não estamos em condições de negociar com nossos financiadores porque há muita pressão para mostrar números grandes. Não podemos ter sempre um exemplo perfeito de mudança.”

- Líder de uma organização feminista que trabalha contra a GBV na Índia



“Tivemos uma experiência em uma comunidade onde as mulheres tinham medo de falar porque os homens as agrediriam. Levamos as mulheres para fora da comunidade e ficamos quatro dias em um hotel. Levamos uma psicóloga para lá e ouvimos os depoimentos reais dessa agressão [contra as mulheres]. As psicoterapeutas podem trabalhar com as mulheres em relação à autoindependência.”

- Ativista de um coletivo de mulheres negras no Brasil

“O financiamento do GEF nos permitiu realizar campanhas de conscientização sobre a violência de gênero, atingindo áreas urbanas e rurais. Observamos uma mudança positiva nas atitudes e comportamentos, o que levou a uma diminuição da violência contra as mulheres.”

- Líder feminista que trabalha com GBV e SRHR em Burquina Fasso

“Antes eu não tinha nenhuma fonte de renda e dependia do meu marido para tudo. Mas agora sou financeiramente forte e sustento minhas próprias necessidades. Eu também apoio minha família e a educação de meus filhos.”

- Nepalesa sobrevivente de GBV

“Nossos projetos financiados pelo GEF se concentraram no apoio às mulheres em atividades de geração de renda, como o processamento de manteiga de karité e a criação de aves. Isso capacitou as mulheres economicamente e melhorou seus meios de subsistência. Para alcançar comunidades remotas, exploramos métodos inovadores, como unidades móveis de divulgação e eventos para ampliar nosso impacto.”

- Líder de uma associação de empoderamento econômico de mulheres em Burquina Fasso

“O financiamento para acabar com a GBV tem se concentrado principalmente na resposta rápida e no resgate de sobreviventes. É importante também concentrar o financiamento em medidas de prevenção, implementação de políticas e iniciativas de conscientização para as comunidades locais.”

- Líder de uma organização local do Quênia



VI. Panorama Temático: Autonomia Corporal, Saúde E Direitos Sexuais E Reprodutivos (SRHR)

“Sentimos que houve uma regressão de 30 anos em SRHR nos últimos três períodos. Resistência a padrões internacionais, como o Consenso de Montevideu¹⁹, complica as condições de acesso ao financiamento.”

- Filantropa feminista na Guatemala

Todos nós temos o direito de controlar e tomar decisões sobre nossos corpos e sexualidades. A saúde e os direitos sexuais e reprodutivos (SRHR) são um alicerce essencial da justiça de gênero, conforme evidenciado pelos movimentos feministas que mudam as tendências globais para a liberalização das leis de aborto.²⁰

Os grupos feministas estão desafiando ativamente a politização de nossos corpos. **As principais estratégias incluem a abordagem do estigma cultural e da discriminação com base na sexualidade e na identidade de gênero, além de desafiar a criminalização da saúde sexual e do trabalho com direitos.** Isso inclui a adoção de uma lente intersetorial que atenda às necessidades daqueles que muitas vezes não são reconhecidos pela sociedade, como profissionais do sexo e comunidades LGBTQIA+. Organizações locais também integram SRHR em temas mais amplos de prevenção à violência, enfrentando restrições de financiamento frequentemente influenciadas por grupos de anti-direita e resistência governamental aos padrões internacionais de SRHR.

“Existem problemas decorrentes de políticas regressivas, leis e normas conservadoras para garantir os direitos das populações LGBTQIA+. Iniciativas como a Lei 5272, que trata da proteção da vida e da família, que está sendo aprovada, são preocupantes.²¹ Elas continuam patologizando as identidades trans, o que afeta os direitos sexuais e reprodutivos das populações LGBTQIA+. Um aspecto crucial é a falta de dados sólidos para documentar e sistematizar tudo relacionado à saúde, o que é essencial para gerar indicadores e avançar em pesquisas aprofundadas sobre cada questão.”

- Membro de uma organização feminista na Guatemala

“Prestamos serviços relacionados a SRHR, SGBV e GBV. Criamos protocolos diferentes para que os hospitais sejam equipados com habilidades para trabalhar de forma eficaz nesses casos. Estamos tentando defender políticas inclusivas para pessoas com deficiência, como serviços públicos ou iniciativas mais acessíveis e seguras.”

- Mobilizadora de recursos em uma NGO no Camboja

“O que nos levou a fazer esse trabalho foi uma campanha para doar absorventes nas escolas, que começou quando encontramos uma menina em uma escola que teve uma infecção porque não tinha um pano para usar [para sua menstruação]. Mais tarde, tomamos conhecimento de mais casos e vimos que tínhamos de fazer um trabalho mais intenso sobre o assunto. [...] Atingimos mais de 600 adolescentes e jovens, e passamos por 21 municípios em nosso estado. [...] O financiamento é importante porque nos permitiu ir aos municípios e conversar com os jovens.”

- Ativista de um coletivo de mulheres negras no Brasil

VII. Responsabilidade Além Do Acompanhamento De Compromissos

O Fórum Geração Igualdade existe em um ecossistema de ajuda ao desenvolvimento e filantropia que é influenciado por normas sociais, políticas e culturais. **Portanto a responsabilidade feminista não pode existir exclusivamente para monitorar e acompanhar os compromissos com a justiça de gênero. É igualmente importante que as ativistas feministas desafiem as injustiças de um sistema econômico global que, em primeiro lugar, cria a necessidade desse processo.** A responsabilidade feminista deve questionar as estruturas legais e políticas nas quais esses compromissos são implementados para

a sustentabilidade de longo prazo. Por meio dessa abordagem, os movimentos feministas estarão mais bem equipados para enfrentar os ambientes sociais, políticos, culturais e jurídicos desafiadores que afetam suas estratégias de organização para promover a justiça de gênero.

Os exemplos a seguir mostram como as partes interessadas do Fórum Geração Igualdade e seus compromissos estão inseridos em uma realidade social, política e econômica mais ampla que afeta diretamente o financiamento para mulheres, meninas e pessoas que não se conformam com o gênero:

ANÁLISE DE CASO: GUATEMALA

A falta de vontade política dos governos impede o progresso dos compromissos do GEF

Compromisso assumido: O governo da Guatemala assumiu um compromisso de “Política” com foco na ratificação e implementação da Convenção 189 da OIT sobre trabalhadoras domésticas.²² O compromisso visava proteger as trabalhadoras domésticas, como, por exemplo, garantir o cumprimento das leis trabalhistas. Esse compromisso foi assumido nas duas Coalizões de Ação de “Movimentos e Liderança Feministas” e “Justiça e Direitos Econômicos”.

Contexto atual: Até o momento, o governo da Guatemala ainda não aprovou a Convenção 189 da OIT. A Guatemala é um dos três países do mundo (juntamente com Honduras e El Salvador) que não o aprovaram. Há uma desconexão entre os compromissos do GEF em nível internacional - que visam a fortalecer a liderança e os direitos econômicos das mulheres - e as realidades políticas locais.

Financiamento para sociedade civil: Em vez de atender ao apelo do GEF para mobilizar mais recursos para a justiça de gênero, a Guatemala implementou uma nova lei que limita o acesso ao financiamento. A chamada “Lei das ONGs (NGO)”, que foi reformada pelo Decreto 4-2020, é uma reforma que visa impor novos controles executivos sobre as atividades financeiras e administrativas diárias das organizações não governamentais no país.²³ A lei levou à diminuição dos recursos para as organizações feministas e afetou sua capacidade de implementar projetos, sendo que algumas foram forçadas a encerrar suas operações. Essa realidade foi compartilhada nos workshops de consulta realizados pessoalmente em julho de 2023 e durante os grupos de foco realizados virtualmente em dezembro de 2023.

ESTUDO DE CASO 2: BURQUINA FASSO

O apoio aos movimentos feministas é insuficiente em um contexto geopolítico mais amplo

A França suspendeu os recursos de ajuda ao desenvolvimento para Burquina Fasso devido ao seu apoio ao golpe militar no Níger em 2023. Como resultado dessa sanção, Burquina Fasso perdeu cerca de 13 milhões de euros em ajuda ao desenvolvimento para projetos de infraestrutura social. Depois que a sociedade civil se mobilizou por meio de esforços conjuntos de defesa, a França concordou em continuar seu apoio às organizações feministas por meio de uma iniciativa chamada Fonds de soutien aux organisations féministes (“Fundos de apoio às organizações feministas”).

Entretanto, o financiamento dos movimentos feministas não existe em um vácuo. Os estimados 500.000 euros recebidos pela Burquina Fasso como parte dessa iniciativa específica são insignificantes em comparação com as necessidades reais de projetos de ajuda ao desenvolvimento no país e na região do Sahel em geral. Em especial, Burquina Fasso precisa de maiores investimentos em infraestrutura social, como acesso a serviços de saúde pública e educação para mulheres e meninas.

VIII. Recomendações

“De modo geral, as organizações feministas detêm uma parcela muito pequena do total de fundos disponíveis. Devemos questionar quem está financiando as organizações feministas e como os financiadores feministas estão arrecadando fundos.” -

Líder de uma organização feminista local que trabalha com comunidades religiosas, de casta e grupos marginalizadas na Índia

O financiamento de cima para baixo não funciona. As vozes feministas dos movimentos de base do Sul Global afirmam que os modelos de financiamento precisam mudar - e rápido. As histórias que compartilhamos neste relatório revelam camadas ricas de significado por trás do relatório com dados quantitativos que compartilhamos anteriormente sobre como tornar o GEF mais responsável, inclusivo e transparente.²⁴ As principais recomendações nas regiões incluem:

Fornecer financiamento sem compromisso por meio de apoio financeiro flexível, básico e de longo prazo diretamente para o nível de base.

É preciso mais do que um ciclo de subsídios para criar uma mudança social duradoura. **Os subsídios flexíveis ajudam as organizações a decidir como usar os fundos - desde manter seus escritórios funcionando até se proteger contra ameaças.** O apoio de longo prazo permite que as organizações feministas se concentrem em metas de longo prazo, como a realização de pesquisas, a coleta de dados para estratégias baseadas em evidências sobre questões prioritárias para o movimento feminista e a inovação de novas soluções.

“Para sustentar [nosso trabalho], é necessário cobrir o básico [aluguel, água, eletricidade, alimentação].”

- Líder de uma rede feminista no Brasil

“O ciclo de financiamento baseado em projetos de 1 a 5 anos é insustentável e, muitas vezes, parece uma reação de toque e fuga ou de impulso, o que não dá tempo suficiente para que as organizações analisem profundamente o problema, abordem as questões sistêmicas e estruturais incorporadas e desenvolvam soluções eficazes e sustentáveis”

- Jovem líder trabalhando em uma organização de direitos das mulheres no Quênia

“Precisamos romper o ciclo de financiamento baseado em projetos especificamente para mudanças transformadoras, porque isso nunca acontecerá. [...] Os financiadores precisam se perguntar o que podem aprender, porque eles entrarão em uma situação com uma ferramenta e pedirão às organizações que a implementem sem pensar nas pessoas que serão afetadas e no contexto em que vivem.”

- Líder de uma organização sediada no Reino Unido que trabalha com jovens sobre GBV e SRHR na Índia

Adotar modelos de financiamento acessíveis que reconheçam os diferentes níveis de capacidade das organizações e movimentos feministas.

Os grupos feministas expressaram a necessidade de os doadores criarem sistemas de financiamento que sejam mais acessíveis a organizações não formalizadas, grupos não registrados e entidades menores descentralizadas dos principais centros regionais. **Dentro do ecossistema do GEF, eles destacaram a importância de influenciar doadores privados e filantropias a simplificar seus processos de devida diligência para garantir a inclusão de ativistas locais que estão liderando trabalhos feministas nas Coalizões de Ação.**

“O processo é muito complexo e competitivo. Mobilizamos todos na associação para a elaboração de projetos. Em muitos deles, muitas vezes nada acontece. Nesse caso, trabalhamos com nossos próprios fundos ou com contribuições de boa vontade. O financiamento é de difícil acesso e, muitas vezes, está em inglês.” -

Líder feminista que trabalha com mulheres rurais em Burquina Fasso

Apoiar os fundos de mulheres para expandir a mobilização local de recursos para comunidades de difícil acesso, visando a movimentos feministas mais fortes e sustentáveis.

Os fundos feministas desempenham um papel importante no ecossistema de financiamento, tornando o financiamento mais acessível a grupos locais menores e emergentes, fornecendo treinamento e recursos essenciais e arrecadando dinheiro de doadores locais. **As ativistas feministas recomendam que os doadores priorizem o apoio a fundos de mulheres que possam investir em organizações lideradas por mulheres que estejam construindo e sustentando suas redes, inclusive aquelas lideradas por mulheres rurais, mulheres jovens e construtoras da paz.**

“Como um fundo para mulheres, nossa filosofia se concentra na filantropia comunitária. A organização emprega várias estratégias para arrecadar fundos, sendo que uma parte significativa é contribuída voluntariamente por doadores nacionais. Essa abordagem ajuda a proteger seu trabalho do clima político do país, onde o fluxo de fundos pode ser influenciado por afiliações políticas.”

- Feminista líder do movimento no Nepal

“Na maioria das vezes, não conseguimos acessar os fundos que nos permitem realizar um trabalho mais profundo aqui nas comunidades em que conquistamos a confiança e onde sabemos que podemos realizar um trabalho mais aprofundado. [Os governos] vão direto para aqueles que eles conhecem. Mas os fundos das mulheres em Fiji contribuíram para preencher a lacuna das estruturas tradicionais na tomada de decisões e na capacitação econômica.”

- Líder de uma organização de construção da paz em Fiji

“Nossa experiência de parceria com financiadores feministas nos deu esperança como um movimento orgânico liderado por mulheres jovens. O modelo de financiamento flexível deles nos permitiu fortalecer as capacidades de nossa equipe e apoiou nosso processo de desenvolvimento do plano estratégico e da visão”

- Jovem líder feminista no Quênia

Confie nas feministas como especialistas para definir suas próprias prioridades e soluções para a mudança social.

Devido aos crescentes ataques contra as mulheres defensoras dos direitos humanos, à redução dos espaços para o ativismo da sociedade civil e às normas sociais prejudiciais, as organizações feministas sabem a melhor forma de lidar com questões críticas de justiça de gênero nesses contextos políticos e sociais desafiadores. **No contexto dos compromissos do GEF, estas organizações não veem a plataforma do GEF como um espaço de solidariedade.** Isso é especialmente evidente nos casos em que os doadores privados e as filantropias raramente entram em contato com as responsáveis pelos compromissos da sociedade civil para apoiar seu trabalho.

“Consideramos a confiança como o principal fator. Queremos nos concentrar em doadores que tenham compreensão feminista porque o processo de trabalho com eles é tranquilo, podemos negociar e eles compreendem muito mais nosso contexto e nossas condições.”

- Líder feminista em uma organização que trabalha com mulheres jovens no Camboja

“Flexibilidade [nos fundos] significa que não perdemos tempo e podemos implementar [como quisermos]. Podemos criar e consolidar a confiança com as comunidades dessa maneira.”

- Líder de uma organização de construção da paz em Fiji

“Identificamos financiadores que nos permitem atender às necessidades da comunidade e que não são movidos apenas por sua própria agenda. Trabalhamos com eles. Estamos procurando financiadores que entendam que o impacto e a avaliação não se referem apenas a dados quantitativos.”

- Líder de uma organização que trabalha com SDR na Índia

Aplicar uma lente intersetorial e promover a formação de alianças para aumentar o financiamento, o alcance e o poder das comunidades.

As ativistas feministas pediram abordagens mais inclusivas e intersetoriais para o financiamento, reconhecendo os desafios únicos enfrentados por grupos historicamente marginalizados dentro dos movimentos feministas. **Adotar uma perspectiva interseccional nos modelos de financiamento promove a colaboração na forma como enxergamos os problemas e comunidades. Isso pode fortalecer de forma mais eficaz as comunidades marginalizadas.** Elas também pediram para promover maior solidariedade, comunicação e formação de alianças com doadores e dentro dos movimentos para obter mais e melhores recursos para o nível de base. As ativistas feministas enfatizaram a necessidade geral de educação e defesa dos doadores sobre as perspectivas, abordagens e necessidades feministas. Por exemplo, as entrevistadas no Nepal chamaram a atenção para a necessidade de colher conhecimento desde o início, documentando histórias de casos e compartilhando práticas recomendadas nas redes, com possíveis doadores e com o governo para aumentar a visibilidade das organizações.

“Há uma falta de compreensão do que a interseccionalidade realmente significa na prática, especialmente na alocação de fundos. Isso geralmente faz com que os mesmos grupos recebam apoio, enquanto outros permanecem invisíveis.”

- Ativista feminista no Brasil

“As alianças são um ponto de partida para encontrar pontos de sucesso. As organizações feministas levaram os doadores a comunidades remotas, facilitando o financiamento em territórios aos quais eles normalmente não têm acesso.”

- Pessoa membro de um coletivo feminista na Guatemala

“Não devemos reinventar a roda, mas sim aprender umas com as outras e com nossas melhores práticas. Os financiadores precisam nos vincular a outros financiadores. Também tivemos desafios em que os financiadores quiseram controlar nossas ações. Apesar de os financiadores terem um papel mais significativo a desempenhar, é um equilíbrio delicado.”

– Dirigente de uma organização feminista atuante contra a GBV na Índia.

Investir em dados e esforços conjuntos que promovam a transparência para monitorar melhor os compromissos do GEF e outros mecanismos internacionais.

As ativistas feministas expressaram preocupação com o fato de que não há financiamento suficiente em todos os níveis para os compromissos do GEF. **Nos países onde o financiamento é escasso, persiste o consenso de que a estrutura de compromissos do GEF e o mecanismo de acompanhamento são complexos, inacessíveis e pouco transparentes para as feministas locais e outros que procuram prestação de contas.** Os doadores não devem apenas aumentar o apoio financeiro geral e o compromisso político com os movimentos feministas, mas também devem garantir que esses aprimoramentos não venham à custa da redução dos compromissos existentes. Um método para garantir a responsabilização dos processos do GEF consiste em aperfeiçoar e ampliar os dados relativos a onde e de que maneira os recursos estão chegando ao nível dos movimentos de base.²⁵ As organizações lideradas por jovens, de movimentos de base e voltadas para a comunidade do Sul Global também devem participar e liderar o processo junto com os responsáveis pelos compromissos do GEF.

Algumas entrevistadas destacaram a falta de transparência com os defensores que trabalham em organizações e ativistas que assumiram compromissos. **As participantes relataram que muitas defensoras não estão cientes dos compromissos assumidos em um nível mais alto em suas próprias organizações ou redes, muito menos veem quaisquer mudanças reais em seus programas, financiamento ou recursos como resultado.**

“O [desconhecimento acerca dos compromissos] suscita dúvidas quanto à clareza, seriedade e obrigatoriedade dos compromissos. Isso destaca a importância da comunicação eficaz e da transparência nas organizações que assumem compromissos para garantir que todas as pessoas membro estejam bem informadas e alinhadas com as metas e os compromissos compartilhados.”

- Líder de uma organização de direitos LGBTQIA+ no Nepal

“O movimento de mulheres negras precisa considerar por que uma pauta tão relevante [GEF] não chega até nós. Como é possível que as mulheres negras do Brasil nem soubessem da existência dos fundos do Fórum Geração de Igualdade, se somos um movimento tão expressivo? Precisamos monitorar, precisamos acompanhar, precisamos articular nossas demandas para que elas não se percam e não se tornem compromissos que serão deixados para trás.”

- Líder jovem em uma organização liderada por negras no Brasil

IX. Conclusão

Imagine como seria o nosso mundo se mudássemos estruturas de poder e de distribuição de recursos diretamente para as mãos dos verdadeiros agentes de mudança - os movimentos feministas. A urgência do momento atual exige soluções baseadas na responsabilidade feminista, uma vez que ativistas e organizações enfrentam cada vez mais repressão, violência, opressão e retrocessos nos ganhos duramente conquistados para a justiça de gênero em todo o mundo.

Os responsáveis pelos compromissos devem adotar uma perspectiva feminista na alocação dos recursos do GEF e nos mostrar para onde o dinheiro está indo. É essencial que grupos feministas e juvenis saibam precisamente para onde estão sendo direcionados os compromissos do GEF e se o dinheiro está de fato alcançando suas comunidades.

A equação para fechar a lacuna de financiamento global é simples: os responsáveis pelos compromissos e os doadores precisam confiar e colaborar com as ativistas feministas. As vozes feministas podem nos ajudar a reescrever o manual, construindo o poder coletivo dos movimentos de justiça de gênero que estão desempenhando um papel essencial na luta contra as injustiças em todo o mundo. Juntas, podemos levar o dinheiro para onde ele é mais necessário: para as feministas que estão liderando e prevendo nosso futuro coletivo para a mudança social.



PARCEIRAS DE RESPONSABILIDADE FEMINISTA E AUTORAS DO QUADRO

Rede de Comunicação e Desenvolvimento da Mulher Africana (FEMNET)
Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB)
Associação Ásia-Pacífico Sul para Educação Básica e de Adultos (ASPBAE)
Iniciativa Latino-Americana de Dados Abertos (ILDA)
Rede Athena
Fundação Batonga
Criola
Fòs Feminista
Fundação de Ação Social e Integral Mulheres do Asfalto
Gênero e desenvolvimento para o Camboja (GADC)
Iniciativa de Mobilidade de Gênero (Gender Mobile Initiative)
Garotas pela Ação Climática (Girls For Climate Action)
Fundo Global para Mulheres (Global Fund for Women)
Iniciativa Pananetugri para o bem-estar das mulheres (IPBF)
Aliança Internacional da Juventude para o Planejamento Familiar (IYAFP)
Aliança para a Saúde e Direitos Legais das Populações Mais Afetadas (KESWA)
Coletivo Feminista Nala (Nalafem)
Fundo Numun
Odara Instituto da Mulher Negra
Rede de Mulheres Mediadoras do Pacífico
Rede de Saúde da Mulher da América Latina e do Caribe
Revista Afirmativa - Coletivo de Mídia Negra e Feminista
Centro de Pesquisa para Mulheres da Ásia-Pacífico (ARROW)
A Fundação YP
Fundação para o Desenvolvimento de Mulheres com Deficiência (WDDF)
Jovem Feminista Europa

COMITÊ DE DIREÇÃO

Digital Grassroots, Equal Measures 2030, Fòs Feminista, Sextas-Feiras pelo Futuro MAPA, Organização das Mulheres para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (WEDO), Centro de Recursos e Pesquisa Asiático-Pacífico para Mulheres (ARROW)

O Comitê Diretivo atua como um órgão consultivo para a Estrutura de Responsabilidade Feminista. Seus membros fornecem orientação aos grupos de trabalho sobre questões políticas e estratégicas, mas não estão diretamente envolvidos nos esforços de coleta de dados no terreno.

FACILITADORA E PARCEIROS DE RECURSOS

A Estrutura de Responsabilização Feminista é uma iniciativa de várias partes interessadas, abrigada e facilitada pelo Fundo Global para Mulheres e financiada por um grupo comprometido de parceiros de recursos. O Fundo Global para Mulheres (Global Fund for Women) facilitou uma série de espaços online e presenciais para construir uma estrutura de responsabilização que reflita as prioridades feministas; criar metodologias e ferramentas para coletar e analisar dados para prestação de contas; apoiar o fortalecimento da capacidade para implementar a abordagem de responsabilização feminista projetada e estratégias de defesa; e construir planos de comunicação e defesa abrangentes e responsivos.

Tradução: Jamii Linguistics

Consultora de análise: Margaret Arsala

Consultora de redação: Sadaf Hasan

Designer: Amber Haynes

Apêndice de responsabilidade feminista

Este apêndice complementa o relatório “Narrativas Feministas sobre a Transferência de Poder e Recursos para Movimentos”, expondo a análise da Estrutura de Responsabilidade Feminista em relação aos dados dos compromissos financeiros²⁶ do GEF e aos dados de financiamento subsequentes da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico [OCDE]. Os dados são de 2021-2022 e focam em duas Coalizões de Ação destacadas neste relatório: GBV e SRHR

1. PROVISÃO DE RECURSOS PARA MOVIMENTOS QUE VISAM ERRADICAR A VIOLÊNCIA DE GÊNERO

VISÃO DE SUCESSO DO GEF ATÉ 2026

“O avanço na erradicação da violência baseada em gênero contra mulheres e meninas (VAWG) em sua diversidade é rapidamente intensificado por meio de ações globais escalonadas focadas nas sobreviventes. As medidas prioritárias englobam o estabelecimento de ambientes políticos, legais e de recursos propícios; a expansão de programas de prevenção orientados por evidências; o desenvolvimento de serviços abrangentes, acessíveis e de alta qualidade para as sobreviventes; e a habilitação e empoderamento de organizações autônomas de direitos de meninas e mulheres para utilizarem sua especialização.”²⁷

Como são os compromissos com a GBV no mundo todo?²⁸

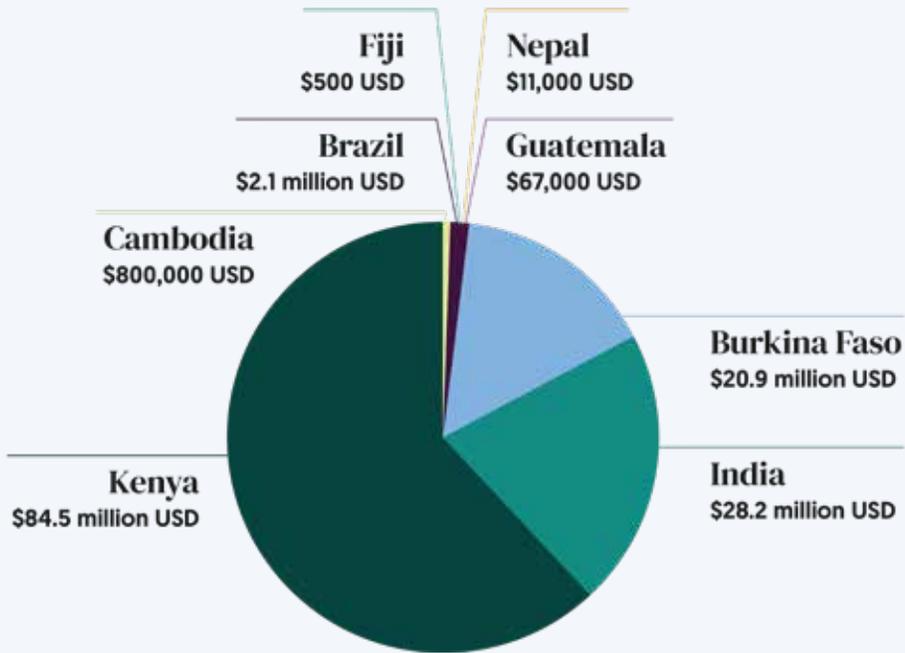
- Em todo o mundo, os compromissos de GBV no âmbito do GEF são os mais altos de qualquer Coalizão de Ação - com 829 de 2.868 compromissos totais [29%].
- Os compromissos de GBV chegam a pelo menos US\$ 5,1 bilhões, dos quais 11% foram relatados como garantidos [US\$ 564 milhões], e metade do valor garantido foi gasto até o momento.
- Dos compromissos financeiros relatados, US\$ 171 milhões foram investidos na sociedade civil, US\$ 67 milhões em meninas adolescentes e US\$ 1 milhão em organizações lideradas por jovens.

- Apenas cerca de 5% do total da OECD DAC²⁹ o financiamento dedicado a acabar com a GBV é alocado para as CSOs nos países em desenvolvimento.

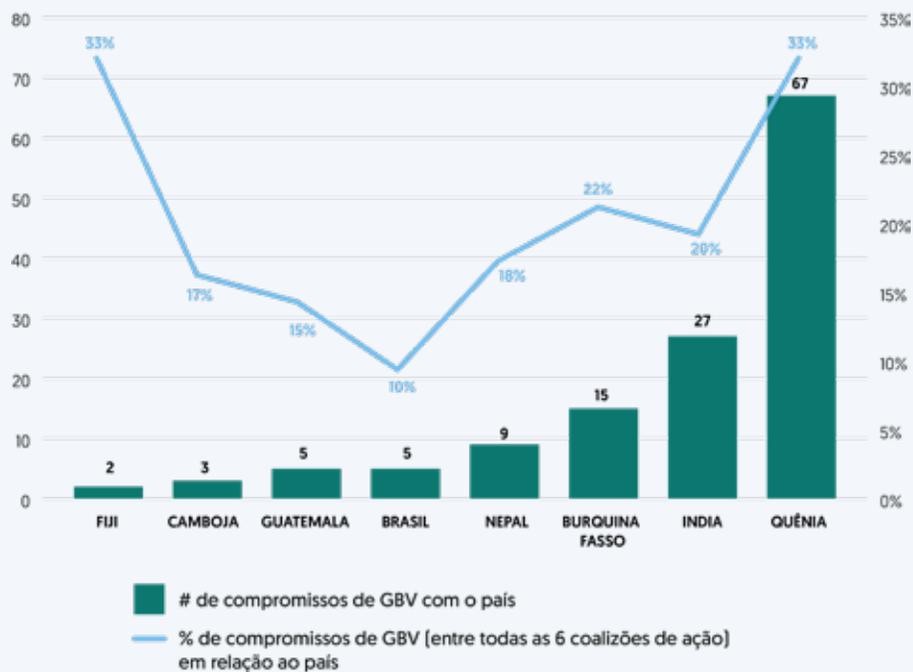
Financiamento da GBV nos países-piloto do FAF -

Nos oito países-piloto, nossa análise sob a Estrutura de Responsabilidade Feminista mostra que o financiamento e a priorização da GBV variam significativamente de acordo com o país. O total de compromissos do GEF dedicados a organizações que trabalham para combater a GBV nesses países chega a US\$ 136 milhões. Uma maioria considerável [95%] desse financiamento está concentrada no Quênia [62%], na Índia [21%] e na Burquina Fasso [15%].

GVB Funding Across Eight FAF Pilot Countries

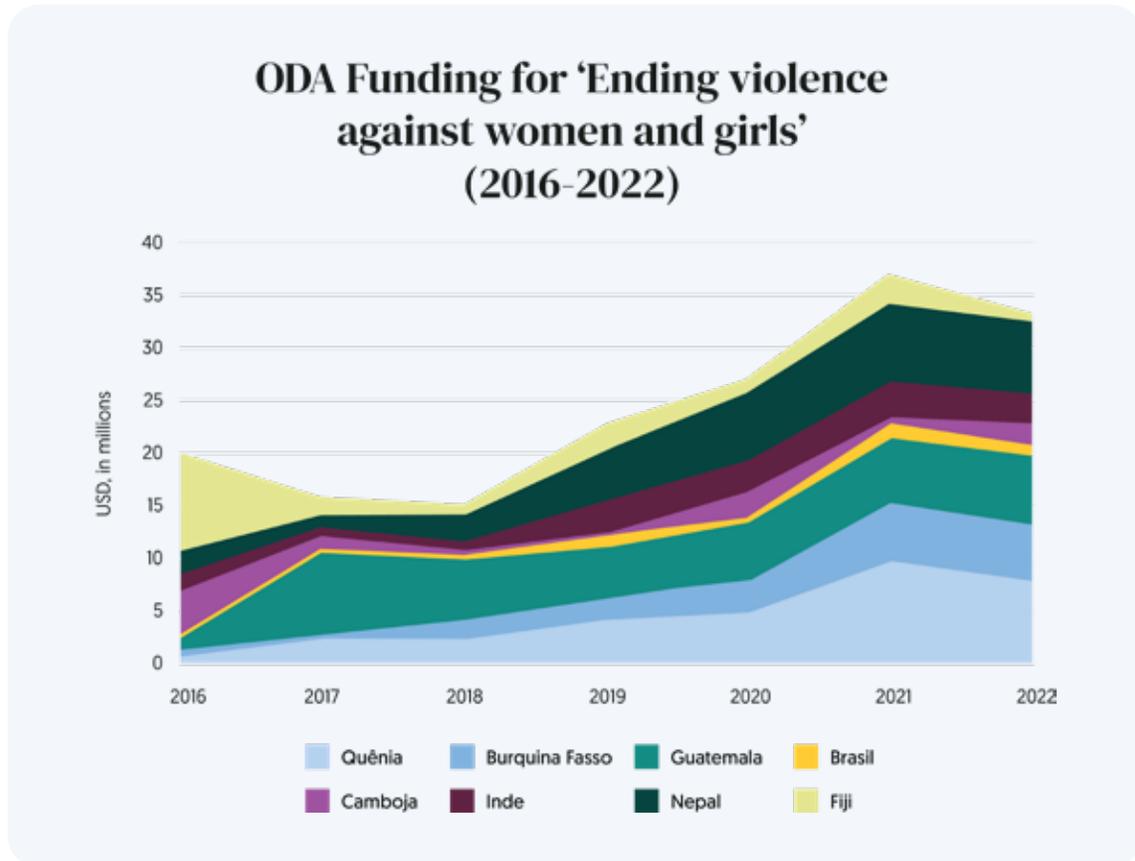


GVB Commitments by Country



Financiamento geral da ODA de todos os doadores oficiais da OECD para GBV nos países-piloto do FAF³⁰

Para o período em que o GEF esteve ativo [2021-2023], os dados de ODA estavam disponíveis para 2021-2022 no momento do relatório. Dos oito países-piloto, apenas Burquina Fasso, Guatemala e Camboja tiveram um leve aumento no financiamento da ODA para “acabar com a violência contra mulheres e meninas [VAWG]” entre 2021 e 2022. Em ordem crescente, o Brasil, a Índia, o Nepal, Fiji e o Quênia viram seu financiamento diminuir. Essa tendência de queda em cinco dos oito países-piloto entre 2021 e 2022 é interessante de se notar, dada a tendência de aumento do financiamento em todos os oito países entre 2018 e 2021.



II. FINANCIAMENTO DA SAÚDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS (SRHR)

VISÃO DE SUCESSO DO GEF ATÉ 2026

Até 2026, todas as pessoas, particularmente meninas, adolescentes, mulheres, transgêneros e pessoas não binárias em toda a sua diversidade, tenham o poder de exercer sua saúde e direitos sexuais e reprodutivos (SRHR) e tomar decisões autônomas sobre seus corpos, livres de coerção, violência e discriminação. As ações prioritárias incluem a expansão da educação sexual abrangente, da contracepção e dos serviços abrangentes de aborto; o aumento da tomada de decisões e da autonomia corporal; e o fortalecimento das organizações feministas.”³¹

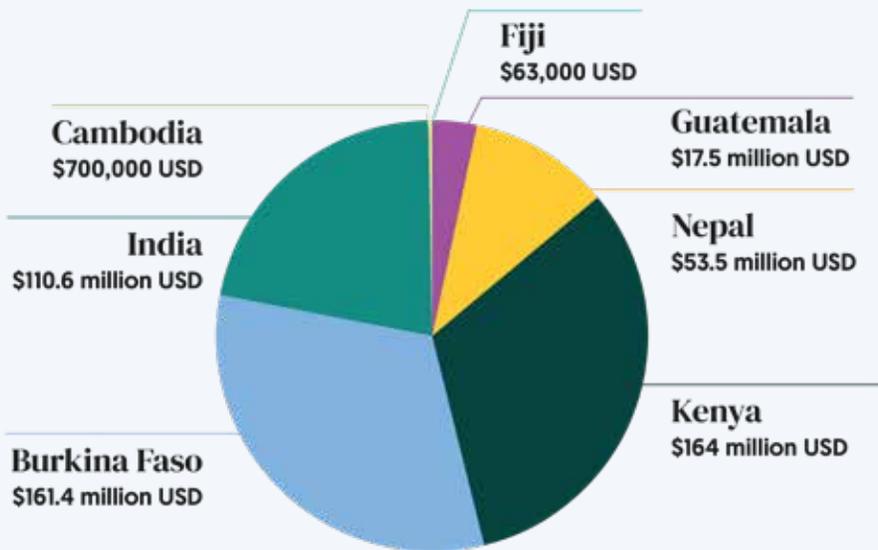
Pesquisa mundial dos compromissos do GEF para SRHR³²:

- Em todo o mundo, os compromissos de SRHR representam 421 dos 2.868 compromissos totais [15%].
- Governos e organizações prometeram US\$ 4,7 bilhões para essa Coalizão de Ação, sendo que US\$ 2,3 bilhões representam financiamento novo ou ampliado.
- Com base nos relatórios atuais, cerca de três quartos [US\$ 3,4 bilhões] foram garantidos, restando uma lacuna de US\$ 1 bilhão.
- A maioria dos compromissos está sendo implementada na África Subsaariana [57%] e na Europa e América do Norte [52%], enquanto 15% têm um escopo global.
- Mais de seis em cada dez dos compromissos de SRHR relatados concentram-se no trabalho programático [65%] e na defesa [63%], enquanto 44% contêm um componente de política e 27% incluem um componente financeiro.

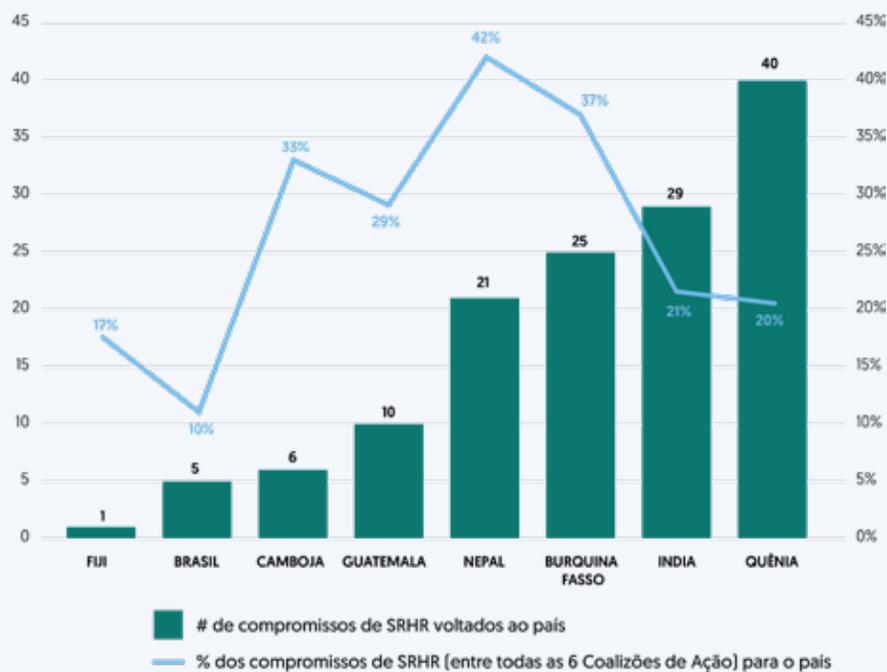
Como são os compromissos de SRHR nos países-piloto do FAF?

Em contraste com a coalizão de ação GBV , o financiamento de Saúde e Direitos Sexuais e Reprodutivos (SRHR) do GEF apresenta uma presença mais substancial nos oito países-piloto, totalizando US\$ 508 milhões. A maior parte [86%] desse financiamento foi destinada a três países: Quênia [32,4%], Burquina Fasso [31,7%] e Índia [21,7%].

SRHR Funding Across Eight FAF Pilot Countries

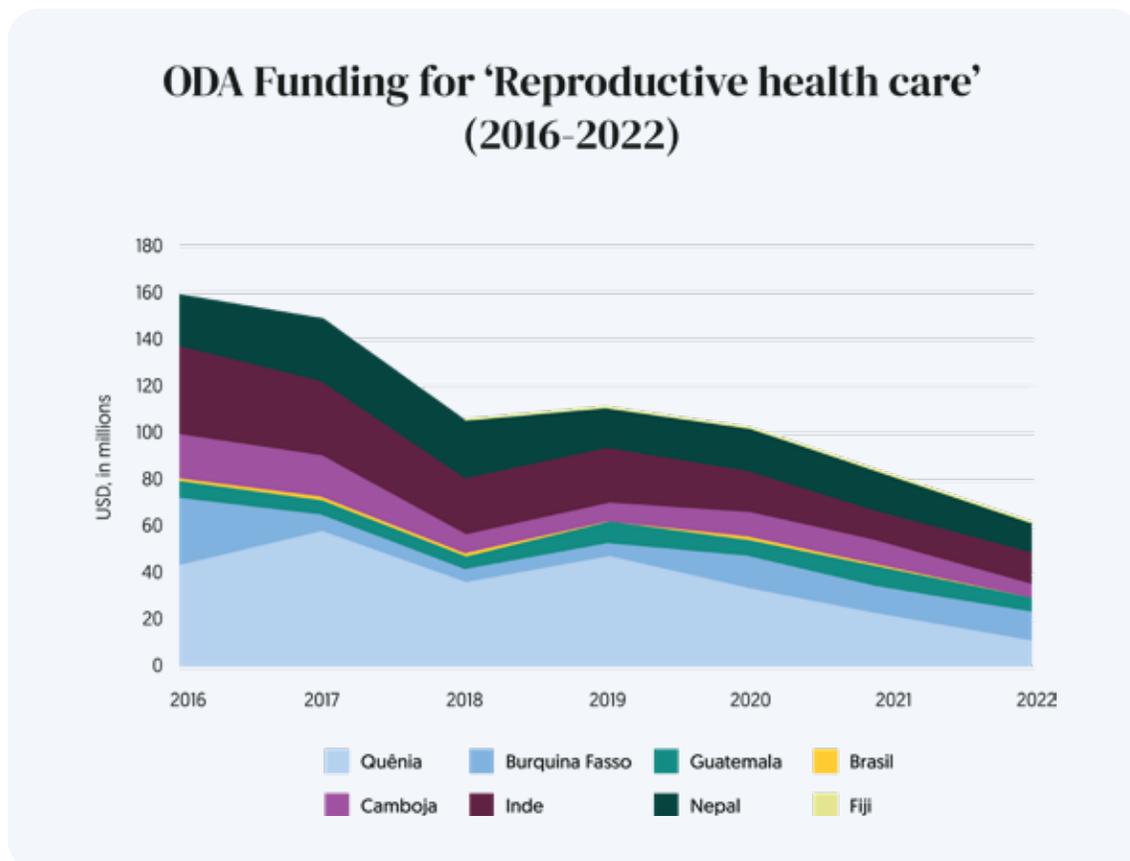


SRHR Commitments by Country



Financiamento total de ODA de todos os Doadores Oficiais da OECD para SRHR nos países piloto do FAF³³

Para o período em que o GEF esteve ativo [2021-2023], os dados de ODA estavam disponíveis para 2021-2022 no momento do relatório. Dos oito países-piloto, apenas Burquina Fasso e Índia tiveram um ligeiro aumento no financiamento da ODA para “Assistência à saúde reprodutiva” entre 2021 e 2022. Os outros países-piloto demonstram reduções mais significativas, com o Quênia apresentando a maior perda. No entanto, a tendência de financiamento nessa categoria tem sido de declínio geral desde 2016 em todos os países, com exceção de um surto de crescimento entre 2018 e 2019.



III. COMPROMISSOS DA GEF E NARRATIVAS FEMINISTAS SOBRE GBV E SRHR: UMA ANÁLISE AO NÍVEL PAÍS

Fiji: Os entrevistados confirmaram que o financiamento proveniente dos compromissos do GEF é mínimo, revelando uma falta de apoio financeiro para as organizações de base. Devido a essas lacunas de financiamento, muitas organizações de base foram forçadas a autofinanciar suas iniciativas. Em Fiji, o foco continua sendo a igualdade de gênero em geral, em vez de iniciativas específicas de GBV ou SRHR. Os desafios incluem recursos limitados, obstáculos burocráticos e a necessidade de atender a critérios rigorosos dos doadores. Além disso, grupos marginalizados, como mulheres rurais e minorias étnicas, enfrentam discriminação no acesso ao financiamento.

Camboja: Os compromissos do GEF com GBV e SRHR no Camboja estão entre os mais baixos da Ásia, totalizando US\$ 1.5 milhões de dólares. A maioria das organizações feministas recebe financiamento de ONGs internacionais, organizações filantrópicas e financiadores globais. Embora exista algum financiamento para a prestação direta de serviços no país, as organizações feministas lutam para obter o apoio adequado. Os critérios rigorosos e os encargos administrativos dos doadores limitam a flexibilidade operacional, resultando na diminuição do financiamento para a GBV na última década. As populações trans, intersexo e LGBTQIA+ são frequentemente excluídas das iniciativas de financiamento de GBV. As normas políticas e sociais influenciam a alocação de financiamento, exigindo que as organizações naveguem em um ambiente conservador. Grupos feministas relataram resultados bem-sucedidos com base em mudanças nas políticas de gênero e maior conscientização pública.

Nepal: O financiamento da GBV é limitado no Nepal. Em comparação, recebeu um apoio mais significativo para SRHR [US\$ 53 milhões]. Apesar de algum progresso, o acesso a fundos continua sendo um desafio devido a obstáculos burocráticos e mentalidades patriarcais. O financiamento geralmente ignora as comunidades LGBTQIA+ e as mulheres com deficiência. As organizações feministas nepalesas enfatizam o trabalho em rede e a transparência para garantir diversas fontes de financiamento e priorizar as iniciativas de igualdade de gênero.

Índia: O país reflete algumas das maiores quantias de financiamento de GBV e SRHR do GEF na Ásia, embora existam desafios com a redução das subvenções de apoio básico e financiamento estrangeiro restritivo. É necessário financiamento acessível para diversas populações e idiomas, especialmente para pessoas com deficiência, profissionais do sexo, meninas Dalit e pessoas LGBTQIA+. A interseccionalidade continua sendo complexa. Os grupos feministas expressaram incerteza quanto às reações dos financiadores à aplicação de uma lente intersectorial. As entrevistadas também enfatizaram o clima cultural de regulamentação e repressão que afeta negativamente o funcionamento dessas organizações, bem como os persistentes sentimentos antiativistas e a hostilidade em relação às Defensoras dos Direitos Humanos das Mulheres (WHRD), que tornam o trabalho das organizações feministas não apenas desafiador, mas, em alguns casos, perigoso.

Guatemala: A Guatemala recebe financiamento insignificante para GBV com base em uma análise dos dados do GEF. Em comparação, o país recebe mais financiamento em SRHR. Entretanto, as organizações feministas locais reafirmam que o financiamento de SRHR seja adequado, relatando que a maior parte vai para grupos e programas “pró-vida”. O financiamento vem principalmente de fundações privadas e organizações internacionais, com os doadores mudando as prioridades ao longo do tempo. A instabilidade política e a corrupção criam desafios para as organizações feministas que lidam com financiamento e cenários políticos. As tendências dos doadores e as prioridades de financiamento também evoluíram ao longo dos anos para se concentrar mais nas comunidades indígenas e nos direitos LGBTQIA+, além das áreas temáticas de SRHR e justiça ambiental. No entanto, os doadores normalmente mudaram o foco para essas comunidades sem aplicar uma lente intersectorial que analise os desafios exclusivos desses grupos.

Brasil: O Brasil tem mais compromissos para GBV [US\$ 2,1 milhões] do que SRHR [US\$300.000 dólares]. No entanto, grupos negros e indígenas enfrentam desafios no acesso ao financiamento. As entrevistadas pediram mecanismos de financiamento mais inclusivos e eficazes que realmente atendam às necessidades de diversos grupos feministas, principalmente devido ao contexto político conservador e à oposição às agendas feministas. As participantes destacaram as ameaças e a violência contra os ativistas como retrocessos recentes. Para navegar pelas normas existentes, as organizações feministas brasileiras usam o alcance digital para atingir públicos mais amplos e, ao mesmo tempo, manter medidas de segurança para suas ativistas.

Burquina Fasso: O GEF assumiu compromissos substanciais com Burquina Fasso, totalizando US\$ 161,4 milhões de dólares para SRHR - a maior parte do financiamento comprometido pelo GEF no país - e um financiamento significativo para GBV, totalizando US\$ 21 milhões. No entanto, grupos historicamente marginalizados, incluindo jovens, mulheres rurais e pessoas LGBTQIA+, enfrentam desafios significativos no acesso a esses recursos. A intensa concorrência por recursos limitados exacerba as dificuldades de acesso aos recursos. As organizações feministas estão defendendo mecanismos de financiamento mais acessíveis, iniciativas de capacitação e apoio a organizações de base e emergentes. A alocação de financiamento para programas de GBV e SRHR por organizações feministas na Burquina Fasso é moldada pelo clima político e pelas normas sociais. Apesar dos obstáculos, as organizações de direitos das mulheres na Burquina Fasso obtiveram maior visibilidade e apoio, enfatizando a educação e a defesa para combater práticas prejudiciais e, ao mesmo tempo, priorizando os protocolos de segurança.

Quênia: O Quênia recebeu o maior número de compromissos da GEF entre os países africanos, com um valor total de US\$ 1,37 bilhão. Embora o Quênia tenha o maior número e o maior valor de compromissos de GBV [US\$ 84 milhões e 67 compromissos, o que representa 33% de todos os compromissos para o Quênia] e de SRHR [US\$ 164,6 milhões e 39 compromissos, o que representa 20% de todos os compromissos para o Quênia] em comparação com outros países-piloto, nenhuma das coalizões de ação recebeu o financiamento mais comprometido no país [em vez disso, “Movimentos Feministas e Liderança” recebeu o maior número de compromissos de financiamento no Quênia, cerca de US\$ 1 bilhão]. Apesar disso, as histórias qualitativas revelaram que os principais desafios das normas sociais patriarcais continuam a dificultar a abordagem e a prevenção do feminicídio no Quênia. Embora durante o lançamento do Fórum Geração Igualdade em junho de 2021, o ex-presidente do Quênia tenha se comprometido a estabelecer 47 casas seguras, há apenas três casas seguras administradas pelo governo no país. No final de janeiro de 2024, milhares de mulheres e homens marcharam em Nairóbi e em outras grandes cidades do Quênia pedindo o fim do feminicídio e da violência contra mulheres e meninas.

ENDNOTES

- 1 Fundo das Nações Unidas para a População, [Demografia de Adolescentes e Jovens: Uma Breve Visão Geral](#).
- 2 Ibid.
- 3 Somente 1 por cento (ou \$690 milhões de \$53 bilhões) da ajuda com foco em gênero de 30 países membros da OCDE chegou, em média, às organizações de direitos das mulheres em 2018-2019. Consulte ["Financiamento para o Desenvolvimento da Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres: Um Retrato de 2021."](#) Rede DAC da OCDE sobre Igualdade de Gênero [Gendernet], abril de 2021.
- 4 A AWID analisou os orçamentos das organizações feministas utilizando o banco de dados de subsídios do Fundo Global para Mulheres (Global Fund for Women) de 2015 a 2019. Quase metade (48%) das organizações de direitos das mulheres e feministas do Sul Global que buscam financiamento do Fundo Global para Mulheres relataram que o orçamento do ano fiscal mais recente foi inferior a \$30.000 USD por ano. Consulte AWID, ["Cadê o Dinheiro para a Organização Feminista?,"](#)2021, p. 12.
- 5 O financiamento para organizações de movimentos de base que se concentram nas comunidades LGBTQIA+ também está em estado precário. De acordo com a Fundação Lésbica Astraea para a Justiça, o orçamento médio dos grupos LGBTQIA+ em 2017 foi de apenas 11.713 USD e mais de metade dos grupos trans tinham orçamentos anuais inferiores a 10.000 USD. Consulte AWID, ["Cadê o Dinheiro para a Organização Feminista?,"](#)2021, p.14.
- 6 Ibid.
- 7 Apenas 5% de todo o financiamento global apoia os povos indígenas. Veja a revista Alliance, [Fundos Liderados por Indígenas Podem ser uma Solução para a Desigualdade na Filantropia](#), Maio de 2021.
- 8
- 9 O Grupo Bridgespan, [Iluminando o Caminho: Um Relatório para Filantropia sobre o Poder e a Promessa dos Movimentos Feministas](#), 12 de abril de 2022, p. 4.
- 10 [O Website Oficial do Fórum Geração Igualdade](#).
- 11 Fundo Global para Mulheres, Responsabilidade Feminista: Revelando o Impacto da Igualdade de Gerações para os Movimentos Feministas, Setembro de 2023.
- 12 Escolhemos oito países para o projeto piloto baseando-nos em assegurar representatividade geográfica em três regiões; reagindo a oportunidades políticas presentes; acessando parceiras através de grupos membros do FAF; e conciliando uma combinação dos valores gerais e quantidade dos compromissos do GEF.
- 13 Mais de 700 organizações feministas de base nos oito países pilotos avaliaram a relevância, transparência e acessibilidade dos compromissos do GEF; identificaram lacunas entre as necessidades e os compromissos; e determinaram até que ponto o GEF está alinhado com as necessidades ao nível do país dos movimentos feministas a partir de uma perspectiva liderada pela comunidade. Fundo Global para Mulheres, Responsabilidade Feminista: Revelando o Impacto da Igualdade de Gerações para os Movimentos Feministas, Setembro de 2023.
- 14 As Coalizões de Ação são parcerias globais multissetoriais comprometidas em acompanhar o progresso mensurável em direção a questões críticas de igualdade de gênero. As seis Coalizões de Ação são: 1) Violência de gênero, 2) Justiça e Direitos Econômicos, 3) Autonomia corporal e Saúde e Direitos Sexuais e Reprodutivos [SRHR], 4) Ação feminista pela justiça climática, 5) Tecnologia e inovação para a igualdade de gênero, 6) Movimentos feministas e liderança. Consulte o Relatório do Fórum Geração Igualdade, [Coalizões de Ação: Um Plano de Aceleração Global para a Igualdade de Gênero](#), 30 de Março de 2021. Considerando as interseções entre violência de gênero [GBV] e saúde e direitos sexuais e reprodutivos [SRHR], grupos feministas que trabalham com Movimentos Feministas e Liderança [FML] também foram entrevistados, particularmente no Nepal.
- 15 A SRHR recebeu a maior parte dos compromissos financeiros de todas as 6 coalizões de ação em Burquina Fasso, Guatemala, Índia, Nepal e Fiji. No Quênia, a SRHR recebeu o segundo maior compromisso financeiro [depois de Movimentos Feministas e Liderança] entre as seis coalizões de ação.
- 16 A OCDE é uma organização intergovernamental que fomenta o desenvolvimento e a coordenação de políticas entre 35 países membros para promover o bem-estar econômico e social em todo o mundo. Usamos dados da Ajuda Oficial ao Desenvolvimento (ODA) de todos os doadores oficiais da OCDE. A ODA é definida como "ajuda governamental que promove e visa especificamente o desenvolvimento econômico e o bem-estar dos países em desenvolvimento. ... Os dados da ODA são coletados, verificados e disponibilizados publicamente pela OCDE." Veja Apêndice de responsabilidade feminista para nossa análise do financiamento da ODA nos países-piloto para GBV e SRHR.
- 17
- 18 O conceito de [Interseccionalidade](#) tem suas raízes no ativismo feminista negro e explica como as múltiplas formas de discriminação, como raça, gênero, classe, habilidade e outras identidades em camadas podem se cruzar para criar uma forma única de opressão.
- 19 O [Consenso de Montevidéu](#) é um acordo intergovernamental sobre população e desenvolvimento no mundo que incorpora uma série de medidas destinadas a garantir os direitos humanos, especialmente os direitos sexuais e reprodutivos. A Guatemala não possui um mecanismo que garanta a participação da sociedade civil no monitoramento e na implementação do acordo.
- 20 Embora o acesso ao aborto tenha sido restringido nos EUA, as tendências globais mostram uma história de movimentos feministas bem-sucedidos em pressionar por leis menos restritivas ao direito ao aborto em quase 60 países. Veja o Fundo Global para Mulheres, [Ano em Justiça de Gênero](#), 2022.
- 21 O ["Lei de Proteção e Vida" \(Lei 5.272\)](#) criminaliza abortos espontâneos e impõe penas de prisão a qualquer pessoa que "promova ou facilite o acesso ao aborto". Ela também proíbe expressamente o casamento entre pessoas do mesmo sexo, bem como o ensino da igualdade de gênero nas escolas, e proíbe processar pessoas ou grupos por discriminar outros por sua orientação sexual.
- 22 A Convenção 189 da Organização Internacional do Trabalho [OIT] estabeleceu os primeiros padrões globais para trabalhadores domésticos, incluindo dias de folga semanais, limites de horas de trabalho, cobertura de salário mínimo, compensação de horas extras, seguro social e informações claras sobre os termos e condições dos empregadores. As novas normas impõem aos governos que as ratifiquem a proteção de trabalhadores domésticos contra violência e abuso, a regulação de agências privadas de emprego que recrutam e contratam trabalhadores domésticos, e a prevenção do trabalho infantil no âmbito doméstico. Veja a Human Rights Watch [Observatório dos Direitos Humanos], ["A Convenção da OIT sobre Trabalhadores Domésticos: Novas normas para combater a discriminação, a exploração e o abuso."](#) 2014, 3.
- 23 Adrianna Beltrán, P&R: A polêmica lei de ONGs da Guatemala, WOLA, 19 de março de 2020.
- 24 As recomendações incluíram o fornecimento de financiamento flexível de longo prazo para movimentos locais feministas e grupos de jovens; o alinhamento dos compromissos do GEF com as necessidades locais; a garantia de comunicações claras e acessíveis sobre os compromissos do GEF em diferentes idiomas; o investimento em mecanismos transparentes de responsabilidade para acompanhar o progresso dos países; o envolvimento de comunidades e movimentos locais para decisões de financiamento mais inclusivas; e a responsabilização das responsáveis pelos compromissos do GEF pela apresentação de relatórios sobre o progresso realizados. Fundo Global para Mulheres, Responsabilidade Feminista: Revelando o Impacto da Geração igualdade para os Movimentos Feministas, Setembro de 2023.
- 25 Nosso relatório da Responsabilidade Feminista de agosto de 2022 analisou os compromissos feitos em relação aos países pilotos, categorizados pela quantidade de financiamento alocado a cada Coalizão de Ação e o número de compromissos feitos por diferentes grupos de responsáveis pelos compromissos para cada Coalizão de Ação. Mais recentemente, atualizamos nossa análise com base nas informações divulgadas pela Geração Igualdade [Generation Equality no Midpoint Moment] em setembro de 2023. Consulte o Apêndice de Responsabilidade Feminista. Devido a mudanças nas categorias de dados para 2023 no Painel de Compromissos do GEF, dados ao nível de países implementadores não estão mais disponíveis e a análise atualizada de Responsabilidade Feminista fornecida no final deste relatório baseia-se na disponibilidade de dados a nível regional.

26 A análise foi realizada com base no conjunto de dados de compromissos do GEF disponibilizado no painel do GEF

27 [Relatório de responsabilidade de igualdade de geração 2023](#)

28 Ibid.

29 O Comitê de Assistência ao Desenvolvimento (DAC) da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD) é um fórum para discussão de questões sobre ajuda, desenvolvimento e redução da pobreza em países em desenvolvimento. (consulte [OECD DAC](#)) Ele se autodenomina como o “cenário e a voz” dos principais países doadores do mundo. (consulte [“DAC em Dados: A História do Comitê](#) de Assistência ao Desenvolvimento da OCDE [OECD]”. 2006, p. 6.)

30 [OECD.Stat](#) (Financiador: “Doadores Oficiais, Total”; Tipo de Fluxo: “Ajuda Oficial ao Desenvolvimento”; Canalização: “Todos os canais”; Tipo de Desembolso: “desembolsos brutos”; Tipo de Valor: “preços constantes”; Forma de Ajuda: “Todos os Tipos, Total”; Área: “15180: Combatendo a violência contra mulheres e meninas”) Após março de 2024, esses dados não estarão mais nesta plataforma e espera-se encontra-los no [Explorador de Dados da OCDE](#)

31 [Relatório de responsabilidade de igualdade de geração 2023](#)

32 Ibid.

33 [OECD.Stat](#). [Doador: “Doadores oficiais, total”; Fluxo: “Assistência oficial ao desenvolvimento”; Canal: “Todos os canais”; Tipo de fluxo: “desembolsos brutos”; Tipo de valor: “preços constantes”; Tipo de ajuda: “Todos os tipos, total”; Setor: “13020: Saúde reprodutiva”) Esses dados não estarão mais nesta plataforma após março de 2024 e espera-se que sejam encontrados na [OECD Data Explorer](#)